

REDES DE SOLIDARIEDADE NO ARANHOL DO MERCADO



Redes podem ser identificadas em inúmeras relações da sociedade contemporânea: técnicas, culturais, políticas, empresariais, criminosas; redes dos bancos, da espionagem e do terrorismo, etc, etc... Consequentemente, elas estão sendo interpretadas nas análises das mais diversas disciplinas: cibernética, economia, sociologia, pedagogia, etnologia, filosofia, geografia, antropologia, entre outras. É comum que as interpretações teóricas e práticas sejam determinadas pelos interesses dos seus atores e do seu contexto.

A princípio as redes apareceram como construções técnicas, sistêmicas e infra-estruturais: redes de transporte, de energia, de telefone, de internet, etc. Nas décadas de 1960 e 1970 ganharam sentido cultural. Para determinados conflitos, interesses e reivindicações, foram criadas formas alternativas de organização. Movimentos sociais, ecológicos, feministas, de saúde, e muitos outros, buscaram garantir criatividade, participação, transparência e igualdade. A rede tornou-se uma metáfora de aconchego pessoal, autogestão, ajuda mútua, descentralização e utopia social sem subordinação às tradicionais hierarquias, instituições formais e burocracias.

Neste percurso, chegamos a uma inflação do uso do conceito rede, o que dificulta mais a análise social. Na "sociedade em rede" tudo está em rede e todo mundo precisa e quer estar em rede. É o que acontece com os migrantes, que também estão sendo estudados nas suas redes sociais. Mas, o que está na base do fenômeno da rede social?

A fragmentação no processo da reprodução social da sociedade de mercado cria cada vez mais esferas separadas e trabalhadores "privados", que, porém, ao mesmo tempo, ficam cada vez mais dependentes um do outro. A produção baseada no trabalho abstrato e na troca entre portadores "autônomos" de mercadorias criou na modernidade - como uma novidade da história da humanidade - o indivíduo "relativamente" separado, socializando-o simultaneamente numa rede material, concreta e real da reprodução social. O secular processo histórico da formação e expansão global da produção de mercadorias, isto é, do trabalho abstrato, é ao mesmo tempo, o processo da formação e expansão da sociabilidade, de uma rede social universal e de múltiplas redes sociais particulares. Assim sendo, o sujeito, aparentemente "livre", está sujeitado "atrás das suas costas" a um processo de dominação social.

A análise atenta dos fenômenos contemporâneos da migração, dos deslocamentos forçados e das restrições ao livre ir e vir, aponta para o fato que a sociedade mundial de mercado está passando da sua longa fase da integração coesiva para a crise e a desintegração social.

A integração, com suas diferenciações territoriais, baseava-se no trabalho. Na medida em que a crise do trabalho virtualiza o valor, ela provoca a perda dos valores sociais. Na decadência das instituições formais do sistema da dominação social, as redes sociais ganham novos conteúdos. Isto deve ser lembrado quando são analisadas as redes sociais dos migrantes: a partir da família, de parentes, de conterrâneos e de outras "conexões cotidianas".

As redes sociais, como entrelaçamentos da sociedade de mercado, servem - muitas vezes com efeitos anti-emancipadores -, para amortecer a queda nas horas das calamidades privadas e públicas. Mas, ao mesmo tempo são as teias, ciladas e armadilhas do aranhol da mercadoria, da troca e do dinheiro.

Heinz Dieter Heidemann